

ORGANIZAÇÃO DOS JOGOS TRADICIONAIS INDÍGENAS DE MANACAPURU DE 2017

Organization of the Indigenous Traditional Games of Manacapuru of 2017

Alexandre Ricardo von Ehnert¹

Gilder Branches Vieira²

Josué Cordovil Medeiro³

Thiago Valente Bazilio Lima⁴

Resumo: O presente relato de experiência tem por objetivo descrever as atividades realizadas pelos servidores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, na organização dos XIII Jogos Indígenas do Município de Manacapuru, realizado em comemoração ao Dia do Índio e coordenado pela aldeia Sahú-Apé. Durante as atividades, o *Campus* teve a oportunidade de atender a uma demanda realizada pelos indígenas. Para isso, organizou-se uma equipe de servidores e alunos para auxiliar na organização e arbitragem dos jogos, além de realizar campanha de conscientização dos alunos sobre questão indígena, inclusive com a realização de uma ação solidária de coleta de roupas para serem doadas aos indígenas. Além disso, recebemos o convite para participar novamente do processo de organização dos XIV jogos, que serão organizados pela aldeia Surá em 2018. Também tivemos o prazer de registrar a matrícula do primeiro aluno indígena do *Campus*, no curso de Recursos Pesqueiros.

Sendo assim, acreditamos que estabelecemos uma aproximação e uma relação de confiança entre o IFAM e a comunidade indígena Manacapuruense.

Palavras-chave: Jogos Indígenas. Comunidades Indígenas.

Abstract: *The present experience report aims to describe the activities carried out by the government employees of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Amazonas, in the organization of the XIII Indigenous Games of the Municipality of Manacapuru, held in commemoration of the Indian Day and coordinated by the Indian Village called Sahú-Apé. During the activities, the Campus had the opportunity to attend a demand made by the indigenous people. To do so, it organized a team of servants and students to assist in the organization and arbitration of the games, as well as carrying out a campaign to raise awareness among the students about indigenous issues,*

1 Mestre em Geografia Humana, Docente, Coordenador de Extensão, Instituto Federal do Amazonas, *Campus* Avançado Manacapuru - IFAM/CAM. alexandre.ehnert@ifam.edu.br

2 Especialista em Gestão Escolar, Docente, Instituto Federal do Amazonas - IFAM/CAM. gilder.vieira@ifam.edu.br

3 Especialista em Gestão Escolar, Docente, Instituto Federal do Amazonas - IFAM/CAM. josue.medeiros@ifam.edu.br

4 Especialista em Ensino de Química, Docente e árbitro federado de voleibol, Instituto Federal do Amazonas - IFAM/CAM. thiago.lima@ifam.edu.br

including a social action to collect clothing to be donated to the indigenous. In addition, we were invited to participate in the process of organizing the XIV games again, which will be organized by the village Surá in 2018. We also had the pleasure to enroll the first indigenous student of Campus, in the course of Fishing Resources. Therefore, we believe that we have established an approximation and a relationship of trust between IFAM and the indigenous community Manacapuruense.

Keywords: *Indigenous Games. Indigenous Communities.*

APRESENTAÇÃO

O presente relato de experiência trata da participação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, *Campus* Avançado Manacapuru, na organização dos Jogos Tradicionais Indígenas de Manacapuru.

Os jogos foram realizados nos dias 21, 22 e 23 de abril de 2017, em comemoração ao Dia do Índio. O evento contou com a presença de, aproximadamente, trezentos indígenas de várias etnias.

De acordo com o Sistema de Informações da Atenção à Saúde Indígena – SIASI, há um total de 545 indígenas, divididos em 115 famílias, residentes em onze agrupamentos nos municípios de Manacapuru e Iranduba. Apesar de não estarem localizadas geograficamente no mesmo município, as etnias estão ligadas por meio de ações realizadas pela Casa de Apoio à Saúde do Índio, CASAI/MPU. Por essa razão, as atividades esportivas e recreativas sempre são realizadas de forma conjunta. As comunidades indígenas são as seguintes:

- Reserva indígena Kaxtipiri: etnia Apurinã, localizada no Km 07 da AM 352 (Manacapuru – Novo Airão), com 30 famílias;
- Reserva indígena Espírito Santo: etnias Ticuna e Apurinã, localizada no rio Manacá, constituída por 06 famílias;
- Reserva indígena Santo Antônio: etnias Ticuna e Apurinã, localizada no rio Manacá, com 04 famílias;
- Reserva indígena São Francisco do Guiribé: etnia Apurinã, localizada no bairro da Correnteza em Manacapuru, com 13 famílias;
- Reserva indígena Jatuarana: etnia Apurinã, localizada no Rio Manacapuru, com 12 famílias;

- Reserva indígena Tururukari-Uka: etnia Kambeba, localizada às margens do lago do Ubim, no quilômetro 47 da rodovia Manoel Urbano (AM-070), com 12 famílias;

- Reserva indígena Sahú-Apé: etnia Sateré-Mawé, localizada às margens do rio Ariaú em Iranduba, no quilômetro 37 da rodovia Manoel Urbano (AM-070), com 12 famílias;

- Reserva indígena Fortaleza do Patauí: etnia Ticuna, localizada no rio Manacapuru, com 06 famílias;

- Reserva indígena São Francisco do Patauí: etnia Apurinã, localizada no rio Manacapuru, com 10 famílias;

- Comunidade indígena Rosa Vermelha: etnias Apurinã e Ticuna, localizada no ramal Nova Esperança, quilômetro 69 da rodovia Manoel Urbano (AM-070), com 11 famílias;

- Comunidade indígena Surá: etnia Apurinã, Km 07 da AM 352 (Manacapuru – Novo Airão). Essa comunidade ainda não teve suas famílias recenseadas, assim como a reserva indígena Kaxtipiri, de onde é originária.

O evento contou também com a presença de indígenas de outras etnias que não possuem terras demarcadas, além de convidados não-indígenas.

Para a realização do evento, as etnias contaram com o apoio de instituições públicas como a Funai, a CASAI/MPU, a Secretaria Municipal de Educação de Manacapuru e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM, *Campus* Manacapuru.

A cada edição, os jogos são organizados e realizados em uma aldeia diferente. Em 2017, o evento ficou sob a responsabilidade da aldeia Sahú-Apé. Porém, devido a questões

de logística e de espaço físico, os jogos foram realizados na a aldeia Tururukari-Uka, que cedeu o espaço, mas não se envolveu na coordenação e organização do evento.

HISTÓRICO DE AÇÕES VOLTADAS PARA AS COMUNIDADES INDÍGENAS

Acreditamos que o convite para participar da organização dos XIII Jogos Tradicionais Indígenas de Manacapuru, seja fruto de ações de aproximação realizadas pelo *Campus* Avançado Manacapuru junto às comunidades indígenas em momentos pretéritos.

Desde o ano de 2014, o IFAM/CAM tem realizado diálogos com essas comunidades. Isso foi fundamental para consolidar a parceria existente entre o Instituto e os indígenas.

A primeira ação significativa com uma comunidade indígena do município se deu a partir da realização de um projeto de pesquisa, financiado pelo CNPQ/TIM em 2016, que tinha como temática a fotossíntese. Durante a execução, foram atendidas treze escolas públicas municipais de Manacapuru e dentre elas a EMEEI Tururukari-Uka, localizada na aldeia de mesmo nome e de etnia Kambeba. Durante a realização desse trabalho, foram realizadas seis visitas à escola da aldeia.

Ainda no ano de 2016, o *Campus* recebeu um convite para que os professores realizassem visitas às comunidades indígenas localizadas no município. Aceitamos o convite e, acompanhados pelo Agente de Saúde Indígena, Francisco Uruma, de etnia Kambeba, estivemos em três aldeias localizadas no complexo do Lago Grande de Manacapuru, sendo elas: Reserva Indígena Jatuarana, Fortaleza do Patauí e São Francisco do Patauí.

Durante a visita, tivemos a oportunidade de ouvir os anseios e as dificuldades vivenciadas por essas comunidades, como a

ausência de energia elétrica, dificuldade de realização de atividades que possam gerar e agregar valor para os produtos cultivados pelas etnias, além do desejo de formação educacional para as crianças e jovens da aldeia.

No ano de 2017, o *Campus* foi convidado pela Coordenadoria Indígena da Secretaria Municipal de Educação de Manacapuru para participar da coordenação da II Conferência Municipal de Educação Escolar Indígena – COMEEI. Durante os dias 23 e 24 de março, uma equipe de professores do IFAM/CAM esteve à frente dos trabalhos de elaboração de propostas para a Educação Escolar Indígena, momento em que tivemos a oportunidade de sugerir a inserção de propostas voltadas para a Educação Técnica nas comunidades indígenas.

OS JOGOS TRADICIONAIS INDÍGENAS

Foi durante os trabalhos da II COMEEI, que o IFAM/CAM recebeu o convite para participar da organização dos XIII Jogos Tradicionais Indígenas de Manacapuru.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa com o intuito de compreender o que significaria participar desse evento. É notório o fato de que há, em escala mundial, um movimento muito forte de reafirmação da identidade indígena por meio de realização de jogos, que, mais do que gerar uma disputa entre as etnias, busca integrar os grupos. Segundo Vinha,

jogos tradicionais indígenas são compreendidos como atividades com características lúdicas que representam importantes elementos culturais como valores tradicionais, mitos e magia manifestados geralmente em cerimônias religiosas. (2004, p.1)

Os jogos tradicionais indígenas de Manacapuru e entorno, no formato que é realizado atualmente, é relativamente recente, pois está apenas na sua 12ª edição. Entretanto, é possível observar que há uma tendência nacional de realização de eventos similares. Os Jogos dos Povos Indígenas, por exemplo, tiveram início em 1996 e os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, registraram sua primeira edição em Palmas (TO), Brasil em 2015.

Uma característica dos jogos indígenas de Manacapuru é que ainda se preservam, com muita riqueza, as modalidades natas, como arco e flecha, a corrida com tora, a canoagem, o arremesso de lança, a zarabatana, o mergulho e o cabo de guerra, além de integrar jogos populares, como futebol e vôlei. Há ainda, a disputa do mais belo casal indígena dos jogos.

Linnekin *apud* Grünewald (1997), observa que “as tradições indígenas vêm sendo construídas ao longo do tempo, uma vez que são mutáveis, e que essas podem ser utilizadas para um propósito moderno sem que haja perda de autenticidade no grupo portador da tradição.” Dessa maneira, a tendência de incorporar as modalidades populares, pode ser entendida como uma busca pela reafirmação da identidade indígena e não a perda da mesma, uma vez que essas modalidades populares cumprem a função de unir os povos em momentos de confraternização.

Sendo assim, entendemos que o nosso papel nesse processo, enquanto instituição parceira, deve ser o de facilitadores e mediadores. Não devemos, portanto, influenciar na forma como o evento é realizado.

OS PREPARATIVOS PARA O EVENTO

Para a preparação do evento, realizamos uma reunião nas dependências do *Campus* com a coordenação indígena composta por Lucemir da Silva Freitas (Coordenador Geral), Alizeth Maia da Silva (1ª Secretária), Leonardo Gomes (2º Secretário), Selma Maia da Silva e Marlete Cruz (Apoios Técnicos), com a Coordenação de Extensão e com a Direção Geral do IFAM/CAM.

Entre as demandas apresentadas pelos indígenas, havia seis ações prioritárias, no entanto, às vésperas dos jogos, surgiu uma sétima. As demandas foram as seguintes:

- 1 - Organização das modalidades de esportes coletivos, como futebol e vôlei, masculino e feminino;
- 2 - Elaboração de material de comunicação visual do evento;
- 3 - Logística de transporte de pessoas e materiais;
- 4 - Material para a realização dos jogos, como bolas e redes;
- 5 - Ajuda com donativos para indígenas em situação de vulnerabilidade, como artigos de vestuário e alimentícios;
- 6 - Arbitragem, com imparcialidade e isenção, das modalidades que seriam disputadas; e
- 7 - Aquisição de medalhas para premiação dos atletas ganhadores das modalidades.

Frente às necessidades demandadas na primeira reunião, foi realizado um movimento para envolver os demais servidores do *Campus*, a fim de que aderissem ao grupo da coordenação do evento. A partir da constituição do grupo de servidores que fariam parte de evento, foram realizadas novas reuniões com a comissão indígena para elaborar o plano de trabalho e definir as atribuições de cada participante.

Por fim, a equipe foi composta por um professor de Educação Física, responsável pela organização dos jogos em geral; um professor de química que é árbitro federado de voleibol, responsável pelos jogos da modalidade; um professor de Língua Portuguesa, responsável pelos jogos de futebol; um professor de Geografia, também Coordenador de Extensão do *Campus* e responsável pela coleta de donativos, além das articulações entre a comunidade indígena e o IFAM/CAM.

Os demais professores ficaram responsáveis por realizar ações de ensino com o objetivo de socializar, com os alunos, a ação que estávamos realizando e também sensibilizá-los sobre a presença dos indígenas no município, o que para muitos era desconhecido. Como fruto dessas ações, foi realizada uma caminhada em alusão ao Dia do Índio com a presença de servidores e alunos (figura 1).

Figura 1: Passeata Dia do Índio



Fonte: Próprio autor, 2017

AÇÕES REALIZADAS PARA ATENDER ÀS DEMANDAS DOS INDÍGENAS

Para atender à primeira demanda, os professores ligados à área esportiva organizaram as tabelas e as chaves de enfrentamento entre os times de modalidades coletivas e as estratégias para a realização das modalidades tradicionais, visando otimizar

o tempo e permitir que todos os indígenas tivessem a mesma oportunidade de participar no evento.

Para satisfazer às demandas de divulgação, foi elaborado o material de comunicação visual a partir de esboços produzidos pelos indígenas. A arte do *slogan* do evento foi toda baseada em tramas de pinturas tradicionais e teve como mascote a formiga tucandeira, tradicionalmente utilizada pela etnia Sateré-Mawé nos rituais de dança. Toda a arte foi digitalizada e, em parceria com a Semed/Manacapuru, foram impressos folders e cartazes de divulgação do evento (figura 2).

Figura 2: Identidade visual do evento



Fonte: Próprio autor, 2017

A Direção Geral do IFAM/CAM autorizou o uso do carro institucional nos dias do evento, a fim de transportar pessoas e cargas, haja vista que o local do evento ficava a 40 km de distância do perímetro urbano do município de Manacapuru.

O Instituto também disponibilizou materiais esportivos para as modalidades de jogos coletivos como: futebol e vôlei. Para essas modalidades, foi possível realizar o empréstimo de bolas, redes, cartões, apitos e cronômetros.

Ainda com o intuito de colaborar no sentido de atender às necessidades apresentadas pelas comunidades indígenas, foi realizada uma campanha de ação solidária,

junto aos alunos e servidores do IFAM/CAM. Essa ação arrecadou cerca de seiscentas peças de roupas usadas. Tudo foi doado para as etnias participantes dos jogos. Durante a campanha (figura 3), buscamos sensibilizar a comunidade escolar do Instituto a respeito da situação de vulnerabilidade em que as comunidades indígenas se encontram.

Figura 3: Cartaz da ação solidária



Fonte: Próprio autor, 2017

Às vésperas do jogo, surgiu uma nova demanda, pois um parceiro do evento que havia prometido doar as medalhas, não conseguiu cumprir com esse compromisso. Diante da necessidade de realizar a premiação dos vencedores, o IFAM/CAM doou 96 medalhas e conseguiu, com o IFAM Campus Manaus Zona Leste, uma doação de 180 medalhas, todas utilizadas para condecoração dos primeiros, segundos e terceiros lugares das modalidades.

Com a finalidade de dinamizar o processo de integração entre o Instituto e a comunidade indígena e prestigiar o evento esportivo, também foi realizado um convite aberto para participação de toda a comunidade escolar. Alguns professores, técnicos, alunos dos Cursos Técnicos Integrados em Nível Médio de Recursos Pesqueiros e Informática, além da Diretora Geral do Campus, marcaram presença no evento.

Outra ação implementada pela equipe de professores do IFAM foi a arbitragem dos jogos. Os docentes se revezaram para que tudo ocorresse de acordo com o que foi planejado e as equipes pudessem competir com tranquilidade.

OS DIAS DE JOGOS

Na manhã do primeiro dia, houve a chegada das delegações e, posteriormente, a abertura do evento (figura 4). Em seguida, foi definido quem estaria à frente das modalidades e, na sequência, aconteceram as inscrições dos atletas e das equipes. No período da tarde, foi dado início aos jogos. Os primeiros a participarem foram os atletas que competiram nos esportes tradicionais individuais. No período da noite, foi realizado um evento cultural com a participação de todos os envolvidos no evento.

Figura 4: Delegações de Atletas participantes do evento



Fonte: Próprio autor, 2017

No segundo e terceiro dias, foram realizados os esportes coletivos, paralelos aos individuais, uma vez que muitos dos atletas estavam participando em mais de uma modalidade.

O voleibol teve de ser adaptado para a realidade e estrutura oferecida na aldeia, de modo que foram formadas equipes com apenas quatro integrantes, ao invés de seis, como acontece nos jogos oficiais, além de ser

realizado em uma área de grama. Já o futebol, foi realizado em campo gramado, parte da estrutura de lazer da própria aldeia. Ambas as modalidades tiveram competidores do sexo masculino e feminino (figura 5).

Figura 5: Atletas participantes do evento



Fonte: Próprio autor, 2017

Devido a questões internas da coordenação indígena do evento, duas modalidades foram suspensas: o cabo de guerra e a corrida com tora. A primeira se deu devido à falta da corda para a realização da competição, já a segunda, foi cancelada a partir de um acordo entre as delegações.

No terceiro dia dos jogos, pela manhã, houve a disputa das finais dos jogos coletivos e a premiação dos atletas ganhadores. A aldeia Kaxtipiri, de etnia Apurinã, sagrou-se como vencedora geral dos jogos.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Entre os resultados alcançados, podemos destacar o êxito obtido durante todo o evento, desde a fase de planejamento até à sua execução. É importante registrar, que não houve nenhum tipo de situação adversa

que dificultasse a atuação da equipe do IFAM/CAM na participação dos jogos. Mesmo nos momentos de tensão que ocorreram durante as competições, a autoridade e a experiência dos árbitros foram respeitadas, inclusive com a observação dos competidores acerca da imparcialidade demonstrada pela equipe de árbitros.

O evento foi uma excelente oportunidade para os alunos do IFAM/CAM conhecerem os modos de produção agrícola e criação de animais utilizados na aldeia como: criação de aves e peixes e produção de hortaliças (figura 6).

Figura 6: Alunos conhecendo o modo de produção da aldeia



Fonte: Próprio autor, 2017

A ação solidária de doação de roupas foi um meio de apresentar a comunidade indígena para os alunos e demonstrar que a sociedade manacapuruense é composta por outros grupos étnicos, questão desconhecida por grande parte dos alunos. Por outro lado, também foi possível demonstrar aos indígenas que estamos atentos e sensíveis às necessidades que eles nos apresentaram. Esse tipo de trabalho, também nos coloca em sintonia com o Manual de Extensão do IFAM, quando diz que é nosso dever a

realização de ações voluntárias que possibilitam trocas de experiências e

conhecimentos, contribuindo com a formação de valores, com a participação social e com o exercício da cidadania que se traduz numa relação de solidariedade e de participação cívica individual e comunitária, exercida de forma livre, responsável e organizada, tendo em vista a solução dos problemas que afetam alguns grupos sociais ou, mesmo, a sociedade em geral (IFAM, 2016, P.35).

Como resultado da ação, também tivemos a inscrição, aprovação e matrícula do primeiro aluno indígena do IFAM Manacapuru, de etnia Sateré-Mawé, para o Curso Técnico Subsequente em Recursos Pesqueiros, que iniciou no segundo semestre de 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O importante não é competir e sim celebrar”, esse foi o lema do I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. Em Manacapuru, tivemos a oportunidade observar que esse era claramente o mesmo sentimento de todos os indígenas envolvidos no evento. Foram três dias de muitos jogos e também de festa e confraternização, de modo que a harmonia se sobrepôs às diferenças. Não era a vitória o alvo, mas o entretenimento.

É interessante ressaltar que a demanda para a participação dos servidores do IFAM, como colaboradores, na organização do evento, foi gerada pela comunidade externa ao *campus*, fato esse que nos dá a certeza da relevância da instituição na região, pois fomos convidados para ajudar a sanar problemas práticos e obtivemos êxito no processo.

Outro aspecto importante da participação no evento, diz respeito à relação de parceria que estamos estabelecendo entre o Instituto e a comunidade indígena manacapuruense. Sendo assim, conforme experienciamos na prática, a partir de ações que envolveram a integração entre indígenas e não-indígenas,

percebemos que as relações de confiança são essenciais, uma vez que é necessária a aceitação e o reconhecimento de uma relação de amizade para que as atividades possam ser desenvolvidas com sucesso.

Por fim, salientamos que fomos convidados novamente para participar como colaboradores na realização dos XIV Jogos Tradicionais Indígenas, que serão realizados em 2018, desta vez sob a coordenação da Aldeia Surá, de etnia Apurinã. Dessa forma, acreditamos ter sido relevante nossa participação em todas as etapas de realização do evento, tanto para representar o IFAM/CAM de forma positiva para a sociedade, quanto para atender às demandas e anseios da sociedade.

REFERÊNCIAS

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. A Tradição como Pedra de Toque da Etnicidade. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, v. 96, p. 113-125, 1997. On line: Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1996/anuario96_rodrigogrunewald.pdf> Acesso em: 20 set. 2017.

INSTITUTO FEDERAL DO AMAZONAS - IFAM. *Manual de Extensão*. Manaus: IFAM, 2016.

VINHA, Marina. Tradição Recentemente Inventada - Terras Indígenas e Jogo Cabo-de-Guerra. In: *XVII Encontro Regional de História: o lugar da História*, 2004, Campinas. Anais: CD Rom XVII Encontro Regional de História: o lugar da História. Campinas: Unicamp, 2004.